



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: OS PROJETOS EDUCACIONAIS DESENVOLVIDOS NA OCUPAÇÃO VITÓRIA, MINAS GERAIS

UNIVERSITY EXTENSION AND SOCIAL MOVEMENTS: EDUCATIONAL PROJECTS DEVELOPED IN SQUATTING VITÓRIA, MINAS GERAIS

EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y MOVIMIENTOS SOCIALES: PROYECTOS EDUCATIVOS DESARROLLADOS EN LA OCUPACIÓN VITÓRIA, MINAS GERAIS

Juliete Carine Ribeiro Andrade ¹

Lara Carlette Thiengo ²

Resumo: O texto tem como objetivo discutir as práticas extensionistas educacionais a partir dos projetos registrados na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) com atuação na Ocupação Vitória, situada em Diamantina, Minas Gerais. Em termos metodológicos, adota-se a abordagem qualitativa e utiliza-se como instrumentos o levantamento de literatura, mapeamento, análise de documentos e a observação participante, a partir da construção do diário de campo. Aborda-se a relevância de pensar a função social da universidade e da extensão, especialmente no que se refere à articulação com os movimentos sociais, bem como os limites e as potencialidades dos projetos de extensão discutidos.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Universidade pública. Movimentos Sociais. Ocupação Vitória. MTST.

Abstract: *The text aims to discuss educational extension practices based on projects registered at the Federal University of Vales do Jequitinhonha and Mucuri (UFVJM) operating in Squatting Vitória, located in Diamantina, Minas Gerais. In methodological terms, a qualitative approach is adopted and literature survey, mapping, document analysis and participant observation are used as instruments, based on the construction of the field diary. The relevance of thinking about the social function of the university and extension is addressed, especially with regard to articulation with social movements, as well as the limits and potential of the extension projects discussed.*

Keywords: *University Extension. Public university. Social movements. Squatting Vitória. MTST.*

Resumen: *El texto tiene como objetivo discutir prácticas de extensión educativa a partir de proyectos registrados en la Universidad Federal de Vales do Jequitinhonha y Mucuri (UFVJM) que operan en Ocupação Vitória, ubicada en Diamantina, Minas Gerais. En*

¹Licenciada em Química, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5010-2352> E-mail: juliete.Carine15@gmail.com

²Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3593-4746> E-mail: lara.carlettel@ufvjm.edu.br

términos metodológicos, se adopta un enfoque cualitativo y se utilizan como instrumentos la encuesta de literatura, el mapeo, el análisis de documentos y la observación participante, a partir de la construcción del diario de campo. Se abordará la relevancia de pensar la función social de la universidad y la extensión, especialmente en lo que respecta a la articulación con los movimientos sociales, así como los límites y potencialidades de los proyectos de extensión discutidos.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Universidad pública. Movimientos sociales. Ocupación Vitória. MTST.

Introdução

Com este texto, que faz parte das discussões desenvolvidas em Projeto de Iniciação Científica Finalizado (PIBIC/CNPQ) e do Trabalho de Conclusão de Curso, buscamos discutir as práticas extensionistas educacionais a partir dos projetos registrados na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) com atuação na Ocupação Vitória, situada em Diamantina, Minas Gerais. Detacamos, contudo, que este artigo não vislumbra discutir todos os projetos e ações que acontecem neste território, mas apenas os que fazem parte ou trabalham de forma articulada com o Programa de Extensão Popular na Ocupação Vitória.

É importante frisar que os projetos desenvolvidos são iniciais e acompanham as próprias demandas e desenvolvimento da Ocupação, que passou a se organizar junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), em 2020. Neste sentido, nossas discussões sistematizam os dados de uma primeira pesquisa desenvolvida, bem como é uma tentativa de problematizar e socializar tais experiências, uma vez que sustentamos que a universidade pública deve somar-se à luta para o enfrentamento das diversas expressões de desigualdades, inerentes ao modo de produção capitalista (MÈSZÁROS, 2009), na realidade brasileira.

Para refletirmos sobre esta experiência de extensão, é necessário pontuar também a função social que, ao nosso ver, a universidade pública tem a cumprir, isto é: socializar e democratizar o conhecimento científico e seus meios para produzi-lo com aqueles que produzem a riqueza social. Sabemos que a educação e a universidade desenvolvem-se nas relações sociais capitalistas e, portanto, são entrecortadas de contradições e de projetos em disputa em relação à própria função da universidade, dos conhecimentos produzidos, do tipo



de formação pretendida e também em relação à própria concepção de extensão. Ao contrário do viés ‘caridoso’ ou ‘humanizador’ que a ‘prima pobre’ vem ocupando, especialmente em tempos de aprofundamento dos processos de mercantilização da educação e da universidade pública (SGUISSARDI, 2009; SEKI, 2021), é importante destacar que a extensão não é uma grande solucionadora dos problemas da sociedade capitalista, mas sim, espaço (também) a ser disputado para pensar e atuar de forma mais orgânica, considerando os interesses da classe trabalhadora.

Neste sentido, como apontam Dalton e Farage (2021, p. 128), a universidade pública pode “ocupar um lugar na vida cotidiana daqueles e daquelas que, mesmo sem ingressar formalmente no ensino superior, podem usufruir da produção social do conhecimento via extensão universitária”, sendo pois “a educação popular uma mediação possível e necessária para afirmar o compromisso social da universidade pública e mediar a função desta com as demandas reais dos segmentos da classe trabalhadora mais pauperizados, como o acesso a determinados direitos”. Além disso, a extensão tem um papel fundamental na ampliação das pontes que colocam a universidade pública como possibilidade e também da “construção de experiências que possibilitem a inserção de docentes e discentes em vivências que questionem o *status quo* tenham no horizonte a construção de uma outra sociabilidade”. (DALTON E FARAGE, 2021, p.128)

Este texto é ancorado, pois, na necessidade, especialmente neste momento de crise estrutural do capitalismo, de reafirmar a universidade brasileira (apesar das suas contradições) como patrimônio da sociedade brasileira e dar lugar às experiências contra-hegemônicas compromissadas com uma educação e uma sociedade para além do capital. (MÈZSÁROS, 2005)

Metodologia

Em termos metodológicos, adotamos a abordagem qualitativa e lançamos mão dos instrumentos: 1) levantamento de literatura; 2) mapeamento e análise de documentos, mais precisamente dos projetos de pesquisa registrados junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFVJM e roteiros de oficinas e relatórios dos Bolsistas do Programa PET-Química; e 3) observação participante.



Na observação participante, a coleta de dados aconteceu mediante observação da pesquisadora, inserida no lugar onde ocorreu o foco da pesquisa, às vezes apenas observando e às vezes também como participante. Importante destacar que, de acordo com Marques (2016), uma vez que haja presença pessoal do pesquisador no ambiente de estudo, não existe mais neutralidade, pois a participação do pesquisador alterara o funcionamento do ambiente. A ferramenta de registro das observações da observação participante foi o diário de campo, que, segundo Gil (2008), pode ser realizado através do uso de notas escritas, gravação de vídeos, sons ou imagens. No caso desta pesquisa, o diário de campo foi utilizado para fazer observações mais gerais sobre a comunidade e mais especificamente sobre o apoio escolar, considerando número de crianças, idade, ano, escola e principais dificuldades e potencialidades educacionais e de ação.

Resultados e discussões

Para melhor organização, esta seção está estruturada em três partes: a Ocupação Vitória; Os projetos de extensão educacionais: acompanhamento escolar e cine popular e As oficinas como ações extensionistas parceiras.

A Ocupação Vitória

De acordo com o Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, em artigo publicado no Jornal Vozes Femininas Jornal Feminista (MONTENEGRO, 2021), a Ocupação Vitória está localizada no bairro Cazuzu, na cidade de Diamantina e ocupa uma área de 60 hectares. Esta área era originalmente do Estado de Minas Gerais com titularidade da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC) e da Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Minas Gerais. O terreno foi cedido para a Prefeitura em 2002 e, desde então, permaneceu sem uso.

Para compreender a Ocupação Vitória, faz-se necessário compreender o contexto em que a mesma foi forjada. Segundo o IBGE (2022), a população de Diamantina é de 47.702 habitantes. Em 2021, a taxa de emprego era de aproximadamente 23,53%, e ao considerar a faixa etária da população entre 15 e 69 anos em relação à população total, essa taxa atingia 65,69%. O perfil da economia da cidade está centrado no Turismo (já que se trata de uma



cidade histórica) e especialmente gira em torno da UFVJM, que foi criada na década de 2000 (enquanto universidade). A cidade também sedia um *Campus* universitário da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), com o curso de Direito, e o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Em linhas gerais, podemos dizer que a sociedade diamantinense é tradicional e replica a situação de profunda desigualdade social que encontramos em todo país. Cabe salientar que o turismo e a existência das instituições de educação superior são também fatores que influenciam diretamente no custo de vida da cidade, especialmente nos valores dos aluguéis. Ainda sobre este tema, é importante frisar que Diamantina não possui políticas de habitação popular.

Com a pandemia do Coronavírus (COVID-19) a partir de 2020 e o agravamento da situação de desigualdade em todo o Brasil, também a cidade de Diamantina-MG sofreu um processo de abrupta precarização das condições de vida. Neste contexto, a Ocupação Vitória, que já existia de forma menos organizada desde 2005, foi ampliada em decorrência do acirramento material das condições de vida das pessoas, como a falta de capacidade de pagar aluguel em uma cidade. Neste processo de ampliação, a Ocupação Vitória passou a se organizar junto ao Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST) e vem se consolidando como expressão de luta por condições dignas de vida, além de construir um conjunto de práticas coletivas que indicam caminhos possíveis para a organização popular.

Durante a pandemia e após tentativas de despejo por parte do poder público, os moradores procuraram assessoria jurídica e apoio em gabinetes de deputados. Um dos deputados denunciou a situação à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. A partir de então, uma mesa de negociação com a prefeitura foi iniciada. Contudo, não teve desdobramentos significativos, apesar dos esforços do Ministério Público, dos moradores e grupos apoiadores.

A Ocupação Vitória, conforme Oliveira (2022), luta diariamente para ser incluída no Plano Diretor do município de Diamantina como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), buscando regularizar o terreno e garantir condições de vida digna à população, como uma rede de esgoto. Além disso, é importante destacar que:

[...] a luta pela moradia não é apenas pela casa, mas por um direito mais amplo, o direito à cidade. Dessa forma, os ocupantes também lutam pelo acesso gratuito ao transporte, educação, saúde e por uma cidade que garanta condições de vida dignas para todas as pessoas do ponto de vista da maioria, ou seja, da classe trabalhadora. (OLIVEIRA, 2022, p. 5)

Segundo pesquisa censitária realizada com os moradores da Ocupação Vitória, em 2022, (MYKONIOS, 2022), 72% das moradoras da Ocupação são mulheres, enquanto 28% são homens, e a maioria se identifica como preta ou parda. Dos moradores entrevistados, 50% recebe menos de um salário mínimo, sendo 47% desse público mulheres. Outros 17,39% recebem um salário mínimo, enquanto 26,09% recebem de 1 a 2 salários mínimos. Em resumo, a maioria dos moradores da Ocupação Vitória são mulheres negras, em trabalhos informais e com salários baixos.

Conforme Mykonios (2022), em termos de situação em relação à atividade empregatícia, a taxa de desemprego é alta, e somente 10,87% dos participantes possuem carteira assinada. O autor ainda ressalta que:

O desemprego atinge quase metade daqueles que lideram as famílias na Ocupação Vitória. São 45,65% do total de entrevistados. Além disso, o flagelo do desemprego e da falta de perspectiva atinge 43,48% das mulheres entrevistadas em relação ao total. Por outro lado, ao somarmos os informais e aqueles que declaram trabalharem por conta, o índice chega a 36,96%. A realidade no que diz respeito à ocupação, é dramática e necessita que toda a coletividade da Ocupação Vitória se debruce sobre esse problema. Temos de considerar também que apenas 10,87% dos entrevistados declararam que trabalham com carteira assinada, isto demonstra por outro lado a grande dificuldade desses trabalhadores e trabalhadoras que, mesmo empregados formalmente, não são capazes de garantir a própria moradia. É necessário, urgentemente, elaborar programas e políticas para que haja condições a fim de que os moradores encontrem formas para obter seus ganhos de forma concreta e objetiva. (MYKONIOS, 2022, p. 12)

Em termos de formação escolar, 47,83% dos moradores possuem Ensino Fundamental incompleto, sendo desse percentual 30,43% mulheres. Esses dados corroboram as estatísticas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017) sobre desigualdades de gênero no Brasil.³

³No âmbito da educação, o referido estudo do IPEA indica que o índice de analfabetismo entre mulheres brancas aos 15 anos era de 4,9%, enquanto entre as mulheres negras esse número subiu para 10,2%. Essa disparidade ressalta as desigualdades educacionais enfrentadas pelas mulheres negras no país. No mercado de trabalho, as mulheres nunca ultrapassaram uma taxa de emprego de 55%, o que suscita reflexões sobre o número significativo de mulheres em idade ativa desempregadas. Além disso, no setor do trabalho doméstico, as mulheres negras ocupam 18%, enquanto as mulheres brancas ocupam 10%. Quanto ao uso do tempo, o estudo aponta que cerca de 90% das mulheres dedicam-se a afazeres domésticos. Além disso, 27% das mulheres não possuem renda própria, o que pode ser explicado, em parte, pela baixa participação feminina no mercado de trabalho. Esses dados revelam desigualdades de gênero significativas

Em outra pesquisa que visava compreender o perfil dos moradores da Ocupação Vitória, realizada em ambiente digital por Oliveira (2022), 129 pessoas responderam ao questionário sendo 55% mulheres e 45% homens. A pesquisa confirma dados sobre desemprego e informalidade nas relações de trabalho e, para além disso, constatou que 62,2% dos moradores não possuem qualquer tipo de benefício social.

A Ocupação Vitória também abriga uma Cozinha Solidária, um projeto nacional organizado pelo MTST. Essa iniciativa foi fundamental para garantir a segurança alimentar dos moradores, especialmente durante a pandemia. Nesse sentido, de acordo com Oliveira:

Para que cada Cozinha Solidária proporcione desde as refeições diárias ao apoio e rede de apoio emocional, diversas pessoas e organizações colaboram de diferentes formas. Em outras palavras, não é apenas o MTST que faz o projeto seguir, são todos que contribuem da maneira que podem, seja no trabalho diário ou por meio de doações. Todos os espaços são construídos de forma conjunta, reunindo moradores da região, militantes do MTST e movimentos parceiros, além de voluntários que também atuam na manutenção do espaço, organização de filas e distribuição de marmitas. (OLIVEIRA, 2022, p. 8)

A Cozinha Solidária oferece uma refeição todos os dias aos moradores com o básico: feijão, arroz e legumes, nos finais de semana, também é possível servir uma proteína. A cozinha atende a todo o público que queira se alimentar, diariamente, são servidas, em média, 70 refeições, todavia, durante a pandemia, esse número chegou a 170 refeições. Em linhas gerais, trata-se de uma comunidade pauperizada, formada, em sua maioria, por mulheres negras, que buscam dignidade para suas famílias por meio do cumprimento dos direitos constitucionalmente garantidos “a todos”.

Os projetos de extensão educacionais: acompanhamento escolar e cine popular

Como assinalamos anteriormente, o período da Pandemia da Covid-19 agravou as desigualdades sociais e também educacionais. Segundo o Censo escolar do INEP (2022), com o retorno dos estudantes aos espaços escolares no ano de 2021, houve uma redução no número de matriculados correspondente a 1,3% em comparação com as matrículas realizadas

no Brasil e evidenciam a necessidade contínua de políticas e ações que promovam a igualdade de oportunidades para mulheres em diversas esferas da sociedade.



em 2020, e entre os estudantes de 5 a 17 anos, 1,4 milhão não está frequentando as escolas. A questão da educação realizada via programas tutoriais, bem como a precariedade tecnológica, ampliou o fosso da desigualdade educacional, como apontam várias pesquisas e dados (IBGE, 2017; CGI, 2019; IPEA, 2020; PwC, 2022).

Considerando esta realidade de aprofundamento das desigualdades e defasagens educacionais – e também demandas das lideranças e moradores da Ocupação Vitória – é que surgiram as propostas de acompanhamento escolar e oficinas científicas e culturais que vêm sendo desenvolvidas desde 2022. Essas ações movimentam, ao mesmo tempo, discussões sobre: a Extensão Popular; a educação popular; o fortalecimento da importância da escola como espaço de socialização dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade; objetivo de diminuição da evasão do ensino escolar; a relevância de apoio ao desenvolvimento das habilidades dos estudantes e o reforço da possibilidade de estarem presentes no espaço universitário.

Os projetos de extensão educacionais que tratamos neste texto fazem parte de um Programa de Extensão Popular, com outros projetos de diferentes temáticas (como, por exemplo, tratamento de água). Todos esses projetos fazem parte do Centro de Referência Educacional da Ocupação Vitória (o qual agrega outras propostas, grupos e ações). De acordo com o documento de registro na PROEXC/UFVJM (2023e). O objetivo do programa é:

Estabelecer uma relação dialética entre a universidade e a Ocupação Vitória, de modo a colaborar com o desenvolvimento local nesse território e, ao mesmo tempo, levar à universidade oportunidades de desenvolvimento científico, tecnológico, de formação humanista e engajada dos seus estudantes, além de lhe conferir sentido popular e público. (PROEXC/UFVJM, 2023e, p. 2)

Cabe destacar que os projetos não têm como objetivo substituir a escola ou suprir a falta da mesma. Pelo contrário, compreende-se a escola como um essencial (mas não o único) espaço para socialização dos conhecimentos sociais, culturais e científicos, apesar das muitas contradições e limites. Assim, os projetos atendem aos alunos matriculados, buscando dirimir as possibilidades de evasão, sendo está uma problemática mais destacada entre os jovens. Em linhas gerais, o projeto assume como característica central a proposta de educação popular. Considerando o exposto, passamos a tratar especificamente dos projetos de extensão educacionais desenvolvidos, conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Projetos Educativos em Vitória

Projeto	Objetivos Geral	Objetivo Específico
Nenhum a menos: apoio escolar e educação popular para Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Ocupação Vitória	Apoiar o desenvolvimento escolar/educacional de estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I que residem na Ocupação Vitória, visando ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor, social, crítico e afetivo.	O projeto busca criar material didático voltado às necessidades do público, baseado na educação popular. Também inclui plantões semanais para apoiar atividades educacionais, oficinas a cada dois meses abordando desafios identificados, e oferece orientação pedagógica para acadêmicos, incentivando discussões sobre a educação popular e conscientização.
Para ler e escrever o mundo: educação na Ocupação Vitória	Promover o desenvolvimento educacional na área de linguagens para adolescentes e jovens moradores da Ocupação Vitória a partir de oficinas de Português/Redação, Literatura e Inglês.	O projeto visa criar material didático personalizado, realizar oficinas quinzenais de Português/Redação, Inglês e literatura para jovens da Ocupação Vitória, e fornecer orientação pedagógica aos acadêmicos, promovendo discussões sobre a qualidade da educação pública e a educação popular.
Cine Popular na Ocupação Vitória	Promover a popularização /debate do cinema para/com os moradores da Ocupação Vitória, como forma de construir novos canais de diálogo com a comunidade.	O projeto envolve sessões mensais de cinema no Centro de Referência Educacional da Ocupação Vitória, com filmes que abordam temas sociais como machismo, racismo, violência, organização, luta e direitos humanos. Após a exibição, serão realizadas rodas de conversa e oficinas para promover discussões e reflexões, oferecendo aos acadêmicos a oportunidade de desenvolver um olhar crítico e compartilhar conhecimento.
Educação escolar e educação popular na área de Ciências e Biologia na Ocupação Vitória	Promover apoio à formação escolar na área de Ciências Biológicas em uma perspectiva crítica para moradores da Ocupação Vitória.	O projeto inclui plantões semanais no contraturno escolar, concentrando-se no trabalho dos bolsistas nas áreas de Ciências e Biologia. Além disso, visa produzir materiais pedagógicos para a construção de um Acervo Didático na

		Ocupação Vitória, focados em Ciências e Biologia, e organizar uma biblioteca com materiais didáticos e paradidáticos nessas áreas.
Ciências Humanas, formação escolar e educação popular na Ocupação Vitória	Promover ações educativas na perspectiva crítica e popular na área de Ciências Humanas como forma de apoiar a formação escolar de crianças e jovens da Ocupação Vitória em Diamantina - MG.	O projeto oferece atendimento pedagógico no contraturno escolar, com foco em Ciências Humanas, apoiando atividades como dever de casa, pesquisa na internet, leitura, etc. Além disso, inclui a realização de oficinas pedagógicas com conteúdo específico identificado com base nas dificuldades dos estudantes, bem como proporciona formação crítica por meio de extensão para estudantes da UFVJM na área de educação.

Fonte: Autores com base em PROEX/UFVJM (2023 a, b, c e d).

Os Projetos de Extensão Educacional contam com 5 bolsistas das áreas de Pedagogia, Letras, História, Turismo e Bacharelado em Ciências Humanas. Eles se organizam para promover ações de apoio escolar em dois dias da semana, durante o contraturno. Os plantões pedagógicos visam atender aos alunos que residem na Ocupação Vitória e frequentam o ensino escolar básico da rede municipal e estadual de educação. As ações de apoio escolar também desempenham um papel fundamental em incentivar a permanência dos moradores na escola e reduzir a evasão escolar, especialmente entre aqueles que enfrentam defasagens decorrentes do ensino remoto.

Outra questão importante sobre a realização das atividades está relacionada ao espaço e às condições. No início, as atividades do projeto ocorriam em um local próprio para o desenvolvimento das atividades: um barraco de lona que a própria comunidade levantou. Apesar do espaço não possuir cadeiras ou mesas adequadas (havia uma grande mesa de madeira com dois bancos também construídos pela comunidade), o espaço era uma referência de ações educacionais e também reuniões e outras atividades culturais e religiosas na comunidade. Todavia, ao final de 2022, as chuvas e ventos derrubaram a lona que cobria a “escolinha”. Como alternativa, os encontros passaram a acontecer na casa da liderança da Ocupação Vitória, que também reside em um barraco de lona. Na prática, as atividades continuam em um espaço menor e com menos infraestrutura. Infelizmente, recursos dos



projetos não podem ser empenhados na compra de lona, comida para os lanches durante as atividades ou até mesmo na aquisição de livros.

A média de participação diária nas atividades é de 10 a 12 estudantes por turno. É importante destacar que os projetos são oferecidos a todos, mas o público com maior frequência de participação é composto principalmente por alunos do Ensino Fundamental I e II. Os alunos do Ensino Médio participam com pouca frequência das atividades, independentemente do conteúdo oferecido nos projetos.

Por meio da observação participante, compreendemos que as principais dificuldades dos participantes são a Leitura e os fundamentos básicos da Matemática. Desse modo, os estudantes enfrentam dificuldades em assimilar o conteúdo do ano escolar em que se encontram, o que reforça a hipótese de que o ensino tutorial adotado em Minas Gerais durante a pandemia ampliou as dificuldades de acesso ao currículo escolar, especialmente porque a maioria dos estudantes da Ocupação Vitória viviam em condições precárias de moradia e alimentação, não tinham um espaço adequado para estudar. Além disso, muitos pais e mães não possuem trajetória escolar que lhes permita ajudar os filhos com as tarefas escolares, e alguns nem mesmo sabem ler.

Outra atividade desenvolvida foi um projeto específico e articulado aos apoios escolares: o Cine Popular na Ocupação Vitória. O projeto promoveu a popularização/debate do cinema para/com os moradores da Ocupação Vitória, criando novos canais de diálogo com a comunidade e também momentos de lazer para os moradores. Segundo documento registrado na PROEXC:

O cinema, sendo expressão cultural, artística e política também possui expressivo potencial educativo. O cinema, segundo Novaes (2009), é um “campo de expressão imagética de valores, categorias e contradições de nossa realidade social” e, diferentemente da linguagem verbal, a linguagem imagética, na qual se insere a cinematográfica, viabiliza o conhecimento por familiarização, dramatizando situações da vida social e condensando sentidos. Neste mesmo sentido, Alves (2006) afirma que o cinema consegue ser a síntese das mais diversas manifestações estéticas do homem, o que indica sua potencialidade enquanto recurso pedagógico, observando sensibilizações teórico-políticas que tal atividade pode promover, relacionando questões universais e íntimas do ser humano. (PROEXC/UFVJM., 2023, b, p. 2)

Há ainda o projeto “Para ler e escrever o mundo: educação popular na Ocupação Vitória” que, para além dos plantões de acompanhamento escolar, vem elaborando a proposta de organização de um clube do livro, a proposta é trabalhar as dificuldades na leitura e



também incentivar o hábito de leitura. Alguns empecilhos enfrentados para a promoção do projeto foram a falta de recursos para a compra de livros e os horários escolares.

As oficinas como ações extensionistas parceiras

Além do acompanhamento escolar, também foi realizado um conjunto de oficinas, sendo estas ações parceiras com os projetos aqui estudados. As oficinas são abordagens que exploram questões de senso comum, cotidiano com o objetivo de criar um *locus* de compreensão e o despertar da consciência dos participantes. Assim, é na reflexão sobre o ato que o conhecimento vai se aprofundando.

Uma das oficinas realizadas foi a de Geotintas, em parceria com professoras do Curso de Licenciatura em Ciência Biológicas da UFVJM. A oficina tinha como propósito a criação de tintas sustentáveis utilizando terra, com enfoque ecológico, uma vez que os materiais utilizados eram biodegradáveis no solo. Nessa abordagem em que se busca promover a autonomia dos participantes, eles são incentivados a preparar suas próprias tintas.

Outra Oficina realizada foi a Confeção de massinhas caseiras. Foram utilizados exemplos práticos, como explicar as propriedades e características dos ingredientes utilizados na criação das massinhas caseiras, antes da preparação do experimento. Dessa forma, os participantes poderiam relacionar essas noções aos elementos do seu cotidiano, tornando o aprendizado mais significativo.

Também ocorreu a intervenção do Parque da Ciência (outro projeto extensionista) com atividades de jogos mentais e múltiplas inteligências e apresentação astronômica sobre os planetas. Os participantes envolveram-se principalmente na parte da observação com os telescópios, sendo uma importante aproximação com instrumentos e discussões científicas de forma lúdica.

Para além dessas parcerias pontuais, uma parceria mais duradoura foi desenvolvida com o projeto PET-Química, na realização de oficinas que pudessem aguçar, motivar a curiosidade científica a partir de relações com o cotidiano. No Quadro 2, estão apresentadas as oficinas desenvolvidas pelo PET-Química, com abordagem adotada para execução dos experimentos, a seguir análise sobre as oficinas e participação dos moradores da Ocupação Vitória.

Quadro 2 – As Oficinas realizadas pelo Pet-Química. Diamantina, Minas Gerais. (N=60)

Atividade	Abordagem	Participantes da Ocupação
Desvendando as cores	Aproximação com o cotidiano dos alunos acerca do tema trabalhado. Experimentação separação de misturas. Discussão a partir do experimento realizado.	5 participantes com idade entre 13 a 16 anos.
Produção de Amoeba/Geleca	Perguntas norteadoras sobre explorar o conhecimento dos participantes. Experimentação em formação de polímeros. Discussão sobre o tema mediando o aprendizado adquirido.	16 crianças com idade entre 4 a 8 anos.
À procura da vitamina C	Experimentação através de um método alternativo de Iodometria para determinação de vitamina C em sucos de frutas, a fim de contextualizar a química no cotidiano.	22 participantes com idade entre 4 a 8 anos.
Sabão ecológico	Debate sobre as soluções e quais os tipos e suas utilizações. Realização da atividade em grupo para a preparação da reação de saponificação através da utilização de óleos reutilizáveis	5 participantes de 4 a 13 anos
Álcool em gel	A partir da problematização, realizou-se a discussão em torno do álcool em gel, e aprofundamento em conceitos científicos, como a expressão pH e suas associações.	12 participantes de todas as faixas etárias

Fonte: Relatório de atividades Pet-Química (PROEXC/UFVJM, 2023e).

Em todas as oficinas, percebemos a tentativa de adaptação da linguagem, o que se justifica pelo público-alvo diverso e, em sua maioria, que estão no Ensino Fundamental I e II. Nas primeiras oficinas, notou-se resistência na participação dos estudantes, supostamente pelo estranhamento. Todavia, quando as oficinas passaram a ocorrer com frequência, essa resistência deixa de ser expressiva a partir da familiarização com a dinâmica, instrumentos e maior interesse.

Conforme relatórios, as atividades ofertadas foram pensadas como um meio para que os estudantes do Ensino Médio tivessem oportunidade de aproximação com os conteúdos da área de Ciências, desenvolvendo curiosidade científica, interesse pela escola/estudo e também que pudessem aguçar a problematização dos temas. Todavia, considerando que não há como prever o público que estará presente, foi sempre exigida a adaptação para que o grupo participante pudesse se aproximar da discussão empreendida. Importa salientar, como nos alerta Messeder Neto (2022) que, as oficinas, ainda que pautadas na abordagem do ensino por investigação, não devem confundir ensino com pesquisa científica, mas, compreender a importância do movimento e orientação segura para o processo de descoberta.

Fazendo uma conexão com as observações realizadas nos plantões de acompanhamento escolar, percebemos que, quando os alunos têm atividades de Ciências, recorrem frequentemente à internet para resolver as tarefas, muitas vezes sem entender a proporção ou a aplicação dos conteúdos. Portanto, o momento da oficina acaba servindo para despertar a curiosidade dos alunos e contribuir para a sua formação escolar.

Considerando o exposto, entendemos que as oficinas experimentais criam espaços de socialização dos conhecimentos historicamente produzidos, apesar dos limites em termos de espaço, diversificação de idade e a própria dinâmica de atividades não escolares. Além disso, as oficinas podem servir de motivação para que os alunos persistam na escola.

Considerações finais

Como apontamos ao longo do texto, não nos interessa uma universidade e a extensão como aparatos de reafirmação da sociabilidade capitalista, já que muitas vezes as práticas extensionistas são conclamadas a sanar um problema social que advém das próprias relações capitalistas e suas formas de exploração. Neste sentido, é importante ressaltar a importância da organização coletiva e da luta constante por uma universidade e uma educação que atenda às necessidades da classe trabalhadora. Assim, defendemos uma extensão orientada por uma perspectiva de emancipação humana, conforme frisam Cristofolletti e Serafim:

[...] a necessidade de se pensar os vínculos entre universidade e classes subalternas enquanto espaços de formação de intelectuais orgânicos junto a elas, o que implica abrir trincheiras de luta contra-hegemônica no ensino, pesquisa (repensando a própria produção científica) e extensão; reconhecer os próprios limites concretos destas lutas nos espaços



universitários; pensar em uma postura intelectual diferente por parte dos acadêmicos que, subsumidos por um produtivismo científico alienante, encontram dificuldades à atuação política; e a necessidade de se pensar “pedagogias” e “metodologias” de interação entre a universidade e os grupos subalternos a partir das práticas existentes. (CRISTOFOLETTI e SERAFIM, 2020, p. 256)

Entendemos que há muitos desafios a serem superados como: adequação do espaço, criação de uma biblioteca, menos burocracia na utilização de recursos e produção de materiais, e outros. Também identificamos: a demanda por educação de jovens e adultos e a necessidade de ampliação/criação de processos também sistematizados de formação política para o avanço qualitativo das lutas sociais.

Ainda assim, a partir da observação participante, pudemos perceber o potencial das atividades, considerando o envolvimento com a comunidade, as relações de afetividade e confiança que são fundamentais para o desenvolvimento dos projetos. Cabe ainda sinalizar que os integrantes do projeto não atuam unicamente em atividades contidas em seus planos de trabalho, mas, estão presentes de forma ativa nos espaços de luta da comunidade, seja na ação/movimento político (como nos protestos que ocorreram no fechamento da BR na ocasião em que água foi cortada e a empresa não voltou a prestar o serviço mesmo após medida judicial), seja participando das mesas de diálogo, interlocução com o ministério público, fazendo presença nas discussões da câmara municipal e outros momentos/espacos.

A luta pela educação pública e gratuita e a luta pelo direito à moradia, pela dignidade desta comunidade, lutas que não podem ser apartadas. Por isso, é tão importante que sejam travadas pela universidade pública que almejamos construir.

Encerramos este texto indicando os limites das experiências e também dessa pesquisa, ao mesmo tempo que enfatizamos a importância de desenvolver outras pesquisas e projetos de extensão em colaboração com a Ocupação Vitória e outros movimentos sociais da região, com a meta de buscar uma universidade mais inclusiva e ancorada nos anseios da classe trabalhadora.

Referências

COMITÊ Gestor da Internet no Brasil (CGI). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros:** Pesquisa TIC Domicílios, ano 2019: Relatório metodológico. São Paulo, 2020. Disponível em:



https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 16 maio 2023

CRISTOFOLETTI, E. C.; SERAFIM, M. P. Notas sobre a extensão universitária a partir de Gramsci. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 11, n. 3, p. 248–259, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/29607>. Acesso em: 27 jun. 2023.

DALTON, A. M; FARAGE, E. Extensão universitária e periferias: reflexões sobre experiências de educação popular e seus desafios. Reflexões sobre experiências de educação popular e seus desafios. **Revista EnFil – Encontros com a Filosofia**, n.14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/enfil/article/view/51651>. Acesso em: 10 maio 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Acesso em: 18 nov. 2023.

IBGE: **Mapa de pobreza e desigualdade**. [S.l.], 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/diamantina/pesquisa/36/30246>. Acesso em: 1 abr. 2023.

IBGE: PNAD – **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017**. IBGE. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>. Acesso em: 16 maio 2023.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência**, v. 2.7 IPEA: Brasília/DF, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 18 nov. 2023.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça - 1995 a 2015**. IPEA: Brasília/DF, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_gnero_raca.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

INEP/MEC. Censo escolar 2021. **Diretoria de Estatística Educacionais Brasília**. [S. l.], jan. 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

MARQUES, J. P. A “Observação Participante” na pesquisa de campo em educação. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 19, n. 28, p. 263–284, 2016. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MESSEDER NETO, H. S. O ensino da Química na Pedagogia Histórico-Crítica: considerações sobre conteúdo e forma para pensarmos o trabalho pedagógico concreto. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 271–293, set, 2022. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2891>. Acesso em: 25 jun. 2023.



MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MONTENEGRO, C. F. A. Luta e Resistência na Ocupação Vitória em Diamantina. **Vozes Femininas Jornal Feminista**, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 6-11, out. 2021. Acesso em: 15 maio 2023.

MYKONIOS, A. **Ocupação Vitória Diamantina**. Pesquisa de Indicadores, emprego, escolaridade, saúde, renda, alimentação, religião, problemas dos moradores. Diamantina, jun. 2022. (Não publicado).

OLIVERA, C. A Ocupação Vitória e a luta pelo direito à moradia e à cidade. *In*: SEMINÁRIO DIREITOS, PESQUISA E MOVIMENTOS SOCIAIS, 9., 2022. Belo Horizonte, 23 a 24 de novembro de 2022.

PwC. PRICEWATERHOUSECOOPERS. **O abismo digital no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

PROEXC/UFVJM. Nenhum a menos: apoio escolar e educação popular para Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Ocupação Vitória. Diamantina/MG, jan. 2023a.

PROEXC/UFVJM. Cine Popular na Ocupação Vitória. Diamantina/MG, jan. 2023b.

PROEX/UFVJM. Ciências Humanas, Formação Escolar e Educação Popular na Ocupação Vitória. Diamantina/MG, jan. 2023c.

PROEX/UFVJM. Educação Escolar educação popular na área de Ciências e Biologia na Ocupação Vitória. Diamantina/MG, jan. 2023d.

PROEX/UFVJM. **Programa de Extensão popular na Ocupação Vitória**. Diamantina/MG, jan. 2023e.

SGUISSARDI, V. Universidade no Brasil: dos modelos clássicos aos modelos de ocasião? *In*: MOROSINI, Marília Costa (org.). **A universidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília: INEP, 2011. p. 275-289.

SEKI, A. K. Apontamentos sobre a financeirização do ensino superior no Brasil (1990-2018). **Germinal: Marxismo Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 48-71, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43866>. Acesso em: 15 maio 2023.

Recebido: 03.10.2023

Aceito: 22.11.2023

Publicado: 09.12.2023

90





This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

